

LITERATURA E ENSINO

Prof^a. Ms. Marta Ferreira Pimentel¹

Resumo:

Esta comunicação apresenta proposta de uma nova abordagem do ensino da literatura no Nível Médio. O objeto de estudo passa a ser as diferentes expressões artísticas brasileiras em língua nacional, a saber, música, teatro, cinema e literatura, em permanente diálogo, nas suas formas de representação de mundo e do imaginário cultural brasileiro. O ensino da disciplina deverá oferecer uma visão panorâmica das influências dos movimentos artísticos e das contribuições das culturas lusitana (e européia em geral), indígena e africana na formação da identidade nacional brasileira. Esse enfoque dará maior abrangência ao objeto de estudo e formará um leitor mais percuciente, capaz de dialogar com as diferentes linguagens artísticas, e inserido no contexto sociocultural em que vive como ser-cidadão.

Palavras-chave: literatura, cultura, ensino, dialogismo.

Introdução

Ate tecnologia contemporânea vem estreitando o campo de visão do homem, fazendo-o ver o mundo através das máquinas e reduzindo o olhar filosófico do passado com que costumava apreender e pensar os problemas existenciais da humanidade.

A leitura de obras literárias e de outras linguagens recoloca-o na condição de ser pensante e reflexivo e resgata a consciência de sua humanidade e sua compreensão enquanto ser no mundo.

Além da significativa contribuição que o ensino da literatura pode dar, no plano da educação geral, desenvolvendo sensibilidade, capacidade crítica e senso estético, para melhor compreensão do mundo e de si mesmo, ele ainda pode contribuir para o entendimento do fenômeno literário no quadro da cultura brasileira e como elemento formador da nacionalidade. É nessa perspectiva que proponho repensar o lugar da literatura no Ensino Médio, após muitos anos de experiência e inquietações no exercício do magistério.

O estudo orientou-se em textos teóricos sobre o processo de formação da cultura brasileira e da identidade nacional e no dialogismo bakhtiniano.

Alfredo Bosi (BOSI, A., 1992) defende, em artigo de sua autoria, **Plural, mas não caótico**, a tese de que não há unidade cultural no Brasil, como julgaram alguns estudiosos do tema. Ela é um ‘efeito de sentido’, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço.

Tal diversidade, entretanto, ainda segundo o autor, “não caracteriza o caos”. Ela se organiza a partir da imbricação de várias culturas migrantes e imigrantes, que constituem o que se define pelos jargões **geléia geral** ou **caldeirão cultural**. Assim as culturas popular, de massa, erudita, somadas às indígena, africana, ibérica, européia e americana, que aqui chegaram em épocas e regiões diferentes, se interpenetraram e resultaram no caráter plural da nossa cultura e na nossa identidade nacional.

Bosi destaca alguns aspectos diferenciadores dessas culturas e considera como o de maior relevo o tempo. A produção industrial de bens simbólicos constrói ‘um modelo de tempo cultural

acelerado' e esses bens são feitos para durarem pouco, para satisfazerem a necessidade da substituição do velho pelo novo, ainda que revestidos de uma falsa aparência. Assim acontece com os **enlatados** de TV, com a moda, com a leitura de best-sellers, com a música comercial, com as notícias que viram espetáculos, que precisam de ser renovados a um espaço de tempo curtíssimo. É essa pressa de acontecerem os fatos que emblematiza as sociedades de massa que predominam no mundo contemporâneo e o seu resultado é a perda generalizada da memória cultural coletiva.

Diferentemente disso, as culturas populares, situadas nas regiões mais pobres do país, quer em áreas rurais, quer nas periferias dos grandes centros urbanos, são marcadas pelo 'tempo cíclico' —nas áreas rurais de plantio e criação— ou pelo tempo 'lento e retrospectivo da memória coletiva'. Os eventos folclóricos dos rincões brasileiros cultuam a tradição da cultura enraizada em seu povo. São festas do povo, para o povo e com o povo.

Essa realidade começa a mudar quando ocorrem as interseções entre cultura popular e cultura de massa, pela indústria do turismo. Nesse momento começa a se dar o processo de desenraizamento, não sem resistência por parte das camadas mais populares, e as festas folclóricas transformam-se em espetáculos e shows para turistas.

Num extremo oposto, mas com a mesma atitude de resistência, as camadas sociais mais elitizadas, detentoras da cultura erudita, apegam-se a valores de tradição, também como marca de preservação de seu *status quo*, agindo assim, num modelo de 'tempo desacelerado', através do qual se mantêm os cânones da cultura clássica e acadêmica. A leitura dos clássicos; as viagens aos pontos turísticos onde estão preservados os símbolos da milenar cultura européia; a frequência às salas de espetáculos de teatro e música clássicos consolidam a existência de uma cultura erudita em tempos de pós-modernidade.

É essa contradição entre a lentidão com que os fatos de cultura se processam, tanto nas camadas sociais populares, quanto nas da elite, e a celeridade na produção dos bens de consumo da sociedade de massa o principal fator de diferenciação entre esses segmentos culturais de que se constitui a sociedade brasileira.

Outro aspecto que distingue a cultura folclórica da erudita (**superior** para alguns) é a regionalização de uma e a universalização de outra. Enquanto a primeira atua num microcosmo de representações de bens culturais, a segunda domina o macrocosmo da sociedade **civilizada**. Essas dimensões marcam ambas as manifestações, nas suas peculiaridades e contribuições, igualmente ricas, ao legado cultural da humanidade.

Em relação a outras distinções, o que diferencia a cultura erudita da popular e da massificada é a autonomia da primeira em comparação com as outras duas. A capacidade de se pensar e se avaliar confere a ela autoconsciência e autocrítica. A cultura de massa limita-se a deglutir a massa uniforme e homogênea preparada pelos produtores dos padrões de consumo, portanto não sobra aos seus representantes tempo nem possuem massa crítica para avaliarem o que consomem e que tipos de consumidores são. Os agentes e usufruidores da cultura popular possuem uma consciência atávica, não crítica, daquilo que os representa e consomem, portanto sua independência cultural circunscreve-se aos meios de produção e de divulgação dos bens culturais, mas não a possuem no plano da reflexão sobre esses bens.

Tomando o conceito de 'enraizamento' de Ecléa Bosi, no seu ensaio **Sobre cultura e desenraizamento** (1992), vale aplicá-lo ao ensino da literatura que tem sido praticado nas escolas brasileiras de nível médio, para questionar sua eficácia. "O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro." Essa frase de Simone Weil (BOSI, Ecléa) é emblemática para se compreender o desinteresse dos alunos do Ensino Médio pelo estudo da literatura.

Ao longo de décadas, para não falar de séculos, o ensino da disciplina orientou-se por diferentes metodologias. Num determinado momento ela foi vista, muito mais como um espelho em que se refletia a literatura portuguesa, como **filha bastarda** de uma literatura nobre, de estirpe clássica. Para cada obra representativa da literatura oficial brasileira havia um modelo português que a tinha inspirado. Durante algumas décadas, o ensino da disciplina constituía-se numa lista de autores e suas principais obras com resenhas sucintas sobre seus temas e algumas características, agrupadas em estilos literários.

Tais estudos evoluíram para um enfoque eminentemente historicista que resultaram na periodização dos estilos de época, que pareciam preexistir às obras, tal era a distância que os separava dos escritos produzidos, que serviam a eles mais como exemplos do que a própria expressão do fenômeno literário. O artificialismo dessa metodologia criou sérias dificuldades de enquadramento de obras criadas na época que não se coadunavam com os cânones vigentes. Via de regra, seus autores não apareciam na lista dos consagrados e eram relegados à categoria de escritores menores. Alguns só tiveram seu mérito reconhecido muito tempo depois.

Outro aspecto que comprometia a legitimidade do critério historicista era a demarcação dos estilos de época por acontecimentos históricos relevantes e suas implicações sociais e econômicas. As obras que não apresentassem uma correspondência mais explícita com esses fatores externos também tinham a mesma dificuldade de reconhecimento.

Com a evolução dos estudos literários e o aparecimento das correntes formalistas, à medida que o objeto em questão passou a ser o texto, a contextualização histórica ficou secundarizada. Não demorou muito, entretanto, tais tendências se exacerbaram e o estudo resultou em exaustivas e intrincadas análises, que só os professores mais criativos e atualizados com as novas teorias conseguiam fazer. As reações dos alunos eram de estupefação e incredulidade na sua capacidade de reproduzi-las.

Diante desse quadro, que durante muito tempo configurou o ensino da literatura brasileira, não é de se estranhar o desinteresse e, em alguns casos, a aversão dos estudantes pela disciplina. Em nenhum desses momentos a literatura foi colocada para eles como uma de suas raízes culturais, tampouco contextualizada num processo mais amplo de enraizamento cultural, cujos efeitos estarão sempre revestidos de atualidade, seja na música, no teatro, no cinema, na arte popular, na dança ou na política. Eles são, até então, desenraizados por excelência, pela alienação em que vivem em relação à história cultural da qual fazem parte.

A literatura é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa dada época. Não se pode separar a literatura do resto da cultura e, passando por cima da cultura, relacioná-la diretamente com os fatores sócio-econômicos, como é prática corrente... A literatura adquire ares de algo insignificante e frívolo. (BAKHTIN, 1992, pp. 362-363)

Somente pelo processo de conscientização desse enraizamento cultural a que estão ligados, social e historicamente, poderão tornar-se leitores conhecedores e apreciadores da literatura de seu país. Seu olhar deve estender-se para além dessas linguagens e alcançar o conhecimento sobre a cultura negra, indígena, proletária, marginal, enfim, todas as experiências que ajudaram a compor a nacionalidade brasileira.

Outro fator de desenraizamento é a ignorância dos alunos em relação ao valor e à utilidade dos conhecimentos e experiências acumulados com o estudo da literatura. Para isso, faz-se necessário abstrair das leituras o que há de universal e perene, que pode contribuir para a amplitude de sua compreensão sobre a condição humana, nas experiências simples do cotidiano ou nas questões mais complexas que transcendem o imediatismo do dia-a-dia.

A ineficiência das metodologias aplicadas no ensino da disciplina demanda uma nova abordagem. O viés historiográfico não fica excluído, tampouco o estético. A eles pode somar-se o enfoque dialógico, que não se deve limitar à interseção com as outras linguagens artísticas. Como já vem sendo praticado nas salas de aula e nos livros didáticos, é pertinente mostrar aos alunos de que forma o discurso literário está presente no científico, no publicitário, no jornalístico.

O traço metodológico inovador está no tratamento igualitário dado a todas as formas de expressão do espírito humano e, sobretudo, na investigação, conhecimento, análise e compreensão do processo de aculturação de que fizeram parte, logo na primeira fase da colonização portuguesa, a cultura primitiva (indígena) e as transplantadas para cá, ainda nesse período e, posteriormente, as que se somaram, de acordo com as influências estrangeiras que sofremos ao longo dos séculos. Em lugar de um estudo pretensamente aprofundado das questões literárias, importa uma visão panorâmica, porém mais abrangente, da cultura brasileira e de seus diálogos permanentes com o passado, com a contemporaneidade e com a grande temporalidade.

Portanto fazem-se presentes os critérios sincrônico e diacrônico naquilo que podem contribuir para uma visão globalizante e dinâmica da cultura, enquanto processo que não cessa de transmutar.

A proposta que coloco, nesta etapa do trabalho, é a de parametrizar o ensino da cultura brasileira pelas mudanças de paradigmas, a partir dos quais foi forjada a identidade cultural do país.

Cumprir estabelecer dois grandes momentos desse processo: a ‘imposição cultural’ e a ‘adaptação cultural’ (SCHWARZ, R., 1992). O estudo do primeiro deve estar focado na transplantação do paradigma lusitano, dominante no contexto expansionista da Península Ibérica, e seu forte traço religioso remanescente do período medieval; no contato inicial desse modelo com a cultura nativa e a negra, também para cá transplantada, num momento imediatamente posterior; e nos elementos de renovação e permanência, resultantes desse encontro.

Vale a pena destacar o artificialismo natural de que se revestiu a literatura e a pintura do período colonial, diferentemente da espontaneidade da música, em parceria com a dança, principalmente pelo fato de essas contribuições terem vindo das raças dominadas _índios e negros. Eram desenvolvidas em rituais religiosos ou para amenizar as agruras do trabalho físico. Houve marca de espontaneidade também na arquitetura religiosa e na música sacra barrocas das minas gerais, executadas pelas camadas populares, a despeito de a música sacra portuguesa, executada em cerimônias religiosas, ter deixado seus traços de classe dominante.

O estudo do segundo momento deve subdividir-se em três fases: a primeira, de acento romântico e realista-naturalista; a segunda, determinada pelo paradigma da renovação modernista; a terceira, definida pelo paradigma da cultura de massa, no contexto da sociedade globalizada.

É importante destacar o caráter híbrido das obras literárias românticas, realistas e naturalistas. Os traços de brasilidade e as influências européias fundem-se, assistematicamente, ora nos temas, nos ambientes e personagens; ora na linguagem. O espírito e a forma mostravam fortes traços lusitanos, franceses, ingleses e alemães, na poesia e/ou na prosa.

O positivismo e o cientificismo dos realistas-naturalistas, o liberalismo romântico e o classicismo dos parnasianos eram características incontestáveis da transplantação cultural. (Tais fundamentos filosóficos devem ser tratados interdisciplinarmente com História e Geografia.) As obras literárias desse período ainda eram plasmadas em matrizes européias.

O movimento modernista dever ser focado na sua postura de consolidação da consciência da arte e do pensamento brasileiros e de afirmação da cultura e da identidade nacionais. **Memórias**

sentimentais..., Macunaíma, Grande Sertão..., Os Sertões e tantas outras obras desafiam qualquer tese que tente provar falta de identidade cultural.

O signo usado para definir esse momento é **transculturização** e o seu significado consiste na **deglutição** de todas as contribuições estrangeiras, adaptadas à realidade brasileira, para a construção de um novo paradigma cultural. Deve-se enfatizar a mudança do sentimento de dependência para o de intercâmbio e diálogo. Tal resignificação desierarquiza as relações culturais em toda a sua amplitude, não só em relação aos cânones europeus, mas também no que toca às culturas erudita, popular, de massa, regional, de resistência, operária, contracultura, todo o leque classificatório.

Entre essa fase e a terceira, convém adotar para esta a denominação de pós-modernismo, para caracterizar o ápice da cultura globalizada, polifônica, massificada, industrializada e informatizada.

É nesse estágio final do curso que se deve acentuar o caráter plural da cultura brasileira contemporânea e seus diálogos internos com a riqueza de paradigmas de que é composta e os diálogos com as culturas estrangeiras com as quais mantém afinidade e identidade, sobretudo com as de língua portuguesa.

Deve ser reservado um capítulo à parte para o estudo do fenômeno da cultura de massa ou de consumo, ou industrial, como se queira chamar, pela ampla diversidade de linguagens que falam entre si, impondo novas conceituações.

Esse ciclo deve ser concluído com uma reflexão sobre as questões de época que aguçam as mentes mais inquietas. No plano temático, as novas formas de dependência _cultural e política_ estudadas interdisciplinarmente com História e Geografia. São relevantes também questões como a crise de paradigmas e a violência generalizada; globalização e identidade nacional; arte e indústria de consumo; arte e publicidade; arte e informática, sempre a partir de produções culturais. No plano da expressão, o surgimento de novas linguagens; o texto, o intertexto e o hipertexto.

Os temas e formas de expressões relacionados à contemporaneidade devem ser atualizados para acompanhar a dinâmica das transformações sociais.

O ensino da Cultura Brasileira deve contemplar a sistematização do conhecimento, na forma de disciplina, e atividades cujos resultados decorreriam de experiências concretas com livros, filmes, peças teatrais, exposições, palestras, oficinas e outras formas de comunicação.

Conclusão

Essa proposta tem um quê de audaciosa porque retira definitivamente a literatura da posição de isolamento e supremacia em relação às demais experiências humanas que compuseram e ainda compõem o quadro da cultura brasileira, nos seus períodos de formação e consolidação, para inseri-la num contexto bem mais amplo. Em compensação, por ser colocada como fator de construção do pensamento, da expressão e da alma brasileira, na interseção com outros discursos, é que ela tem garantida a sua sobrevivência no currículo no Ensino Médio, ameaçada por forças externas às práticas de sala de aula.

É ousado de minha parte estar falando isso para uma platéia de estudiosos da literatura, a despeito de seus exercícios de reflexão servirem, em grande parte, à prática docente.

Por isso é que insisto na mudança da disciplina **literatura** para **cultura brasileira**, a fim de garantir o conhecimento e a reflexão sobre nossa identidade cultural, necessários à formação da consciência de brasilidade, entre os jovens de nosso país.

Referências Bibliográficas

- [1] BAKHTIN, M. Os estudos literários, hoje. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- [2] BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, A. (org.). *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1992.
- [3] BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A. (org.). *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1992.
- [4] CASTRO, Manuel Antonio de. *Tempos de Metamorfose*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994, cap. IV.
- [5] CEREJA, W. Roberto. *Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.
- [6] FILHO, D. Proença. *Língua Portuguesa, Literatura Nacional e a Reforma de Ensino*. Rio de Janeiro: Linceu, 1973.
- [7] LEITE, D. Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Ática, 1992.
- [8] MALARD, Letícia. *Ensino e Literatura no 2º grau: problemas e perspectivas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- [9] SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992.
- [10] SODRÉ, N Wernek. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. São Paulo: Difel, 1986.

ⁱ **Marta FERREIRA PIMENTEL, Profª. Ms.**
Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ)
martapimentel@ig.com.br